

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DEPARTAMENTO
ACADÊMICO DE LETRAS CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA
BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL**

LETÍCIA MARINA KOLB

**ANÁLISE DO CONTO *PERDOANDO DEUS*, DE CLARICE
LISPECTOR, SOB A PERSPECTIVA DE MONTAIGNE ACERCA
DA PRESUNÇÃO E DA FÉ**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2012**

LETÍCIA MARINA KOLB

**ANÁLISE DO CONTO *PERDOANDO DEUS*, DE CLARICE
LISPECTOR, SOB A PERSPECTIVA DE MONTAIGNE ACERCA
DA PRESUNÇÃO E DA FÉ**

**Monografia de Especialização apresentada ao
Programa de Especialização em Literatura
Brasileira e História Nacional da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná como requisito
parcial para obtenção do título de Especialista.**

Orientador: Prof. MsC. Zama Caixeta Nascentes

**CURITIBA
2012**

À minha sobrinha Isabela.

“Não sei se o mundo é bom,

Mas ele está melhor desde que você chegou...”

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Zama, que a cada aula fez-me lembrar por que, afinal, a minha escolha profissional foi bela e acertada.

À minha grande companheira de curso, Julia Machado Fernandes, pelas inúmeras ajudas, por perdoar meus atrasos e pelo comprometimento exemplar em todos os trabalhos que fizemos juntas.

“Há na vida momentos privilegiados nos quais parece que o universo se ilumina, que nossa vida nos revela sua significação, que nós queremos o destino mesmo que nos coube, como se nós próprios o tivéssemos escolhido. Depois, o universo volta a fechar-se: tornamo-nos novamente solitários e miseráveis, já não caminhamos senão tateando por um caminho obscuro onde tudo se torna obstáculo a nossos passos. A sabedoria consiste em conservar a lembrança desses momentos fugidios, em saber fazê-los reviver, em fazer deles a trama da nossa existência cotidiana e, por assim dizer, a morada habitual do nosso espírito.”
(LAVELLE, Louis, 1955)

“Não sei bem o que estou buscando, mas sei bem do que estou fugindo.”

“É uma presunção perigosa e fútil, além de uma absurda temeridade, ter desprezo pelo que nós não compreendemos.”
(MONTAIGNE, Michel)

“A palavra é o meu domínio sobre o mundo.”

“Perder-se também é um caminho.”
(LISPECTOR, Clarice)

RESUMO

KOLB, Letícia Marina. Análise do conto *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, sob a perspectiva de Montaigne acerca da presunção e da fé. 2012. 23f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

Este estudo apresenta uma análise acerca do conto *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, à luz dos conceitos de fé e presunção apresentados nos estudos do filósofo Montaigne. Sugere-se uma aproximação entre esses conceitos e as atitudes e reflexões da protagonista do conto em análise.

Palavras-chave: Fé. Presunção. Montaigne. Conto. Clarice Lispector.

ABSTRACT

KOLB, Letícia Marina. Análise do conto *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, sob a perspectiva de Montaigne acerca da presunção e da fé. 2012. XX f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

This study brings an analysis about a short story called *Perdoando Deus* (Forgiving God) written by the Brazilian author Clarice Lispector, based on the concepts of faith and presumption presented in the studies of philosopher Montaigne. After that, an approximation between these concepts and the reflections of the short story's protagonist is suggested.

Keywords: faith; presumption; Montaigne; short story; Clarice Lispector.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE.....	12
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa o conto de Clarice Lispector (1920-1977) intitulado *Perdoando Deus*, publicado no livro *Felicidade Clandestina* (1971). Essa análise é realizada com enfoque voltado à presunção – aqui analisada na relação entre o fiel e sua divindade - e da fé que move os crentes em Deus. Esse enfoque toma como base o que sobre isso diz o filósofo Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) na sua obra *Ensaaios* (1580), Livro II, no capítulo *Apologia de Raymond Sebond*. Embora o filósofo tenha um estudo específico sobre a presunção, intitulado “Da presunção”, entende-se que o tipo de olhar dado ao tema na obra *Ensaaios* era mais profícuo a este estudo, por discutir esse conceito à luz do paradoxo fé versus razão, portanto mais próximo ao foco desta monografia.

O estudo se fundamenta no próprio texto de Michel Montaigne a respeito dos temas aqui analisados, pois, como se sabe, a filosofia exige que nos debrucemos primeiramente sobre o texto filosófico original, a despeito de todas as dificuldades que isso possa acarretar, e só depois passemos aos estudos complementares do texto original. Como opção para esse segundo momento, foi selecionado o primeiro capítulo da obra *O eu nos Ensaaios de Montaigne*, intitulado *A quebra dos espelhos ou a crítica dos fundamentos ontológicos do eu* - uma leitura acerca da *Apologia de Raymond Sebon*, de Telma de Souza Birchall.

Ao se sugerir a aproximação entre a referida obra de Montaigne e o conto *Perdoando Deus*, tem-se como objetivo maior a construção de uma visão mais lúcida e elucidativa do tipo de relação que a protagonista da história estabelece com o divino e se essa relação é exemplificativa do que Montaigne já dizia acerca da presunção e do advento da fé. Espera-se alcançar uma interpretação mais ampla, através da qual se tentará provar que, embora o conto selecionado seja breve, é possível extrair dele uma reflexão relevante e densa acerca da relação do homem com a fé: como ele a adquire, o que pensa dela e o que conclui a seu respeito. A pesquisa aqui desenvolvida pode servir como base para uma leitura mais profunda acerca do conto, ou ainda para uma leitura guiada por um novo viés.

Esta monografia teve início com o levantamento dos trechos do conto considerados representativos de reflexões e conceitos apresentados por Montaigne acerca dos temas selecionados para análise. Além disso, também são estudados autores que possam complementar ou confirmar as conclusões

apresentadas ao longo do estudo. Essas análises serão, portanto, obtidas por meio de processo analítico.

O caráter inédito deste estudo se confirma, pois, embora tenham sido selecionados dois autores exaustivamente estudados e consagrados em suas áreas, não foi encontrado um estudo que aproximasse esse conto especificamente a alguma teoria de Montaigne. A dissertação de mestrado de Cristina Torres Gomes, intitulado *A movência das fronteiras: o ensaísmo nas crônicas de Clarice Lispector*, publicado em 2008, foi o único encontrado que relaciona os dois autores especificamente, porém o foco é bem diferenciado: trata-se de um estudo que se volta à análise, nas palavras da autora, da “*construção das crônicas de Clarice Lispector para o Jornal do Brasil, escritas no período de 1967 a 1973, à luz de suas relações com o método de construção ensaístico de raiz montaigneana*”. (GOMES, 2008, p. 7). Ainda assim, o estudo pode servir como modelo e inspiração para essa aproximação entre as obras de Montaigne e Lispector.

Outro estudo encontrado também útil à elaboração desta monografia é o artigo *Deus, Alteridade Máxima na obra de Clarice Lispector* (2011), de Maria José Ribeiro, professora doutora da Universidade Regional de Blumenau. Embora apresente a caracterização do divino à luz de outras obras da autora que não o conto aqui analisado, o artigo é válido para complementar e expandir o conceito do divino na obra de Lispector. Outro trabalho aproveitado dentro dessa mesma perspectiva é o artigo *Misticismo e Ateísmo em “Amor”, de Clarice Lispector e “Kew Gardens”, de Virginia Woolf*, do professor e doutor da Universidade Federal da Bahia Luciano Rodrigues Lima. Nesse estudo, há uma breve – e também densa – referência ao conto aqui estudado, dada a própria proximidade deste com o foco de análise de Lima.

Para a análise do estilo peculiar de Clarice Lispector, foi utilizado o livro de Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, mais especificamente o subcapítulo que trata especificamente sobre a autora.

Ao final deste estudo, esperamos ter trazido à tona os elementos que aproximam as decisões e reflexões da protagonista do conto *Perdoando Deus* aos conceitos de Montaigne relativos à fé e a presunção. Esperamos ter provado que a personagem pode ser vista como um exemplo de indivíduo que, em grande medida, coloca em prática aquilo que Montaigne pregou em relação à forma

através da qual nós verdadeiramente adquirimos a fé, não sem antes ter passado pelo empecilho que o filósofo francês impôs para essa conquista: a presunção.

2 DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE

As discussões que se estabelecem em relação à fé e à forma com que esta se instaura no homem – por pura crença ou por uma doutrina racionalizante – sempre foram constantes entre aqueles que buscavam compreender melhor sua dimensão humana e divina. O homem contemporâneo convive hoje com a pluralidade de crenças e com o significativo avanço científico e tecnológico. Isso se aplica ao homem de épocas passadas, é verdade, mas também é fato de que a celeridade com que essas mudanças se deram nunca foi tão acentuada quanto agora. Os debates sobre a crença em Deus ganham novos focos, e em meio a um discurso que valoriza a ciência e a racionalidade, a dúvida ganha um *status* de razoabilidade. Isso é marcante na relação do homem com a sua fé e no diálogo com o divino.

O conto selecionado para este estudo, *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, trata justamente sobre essa densa e por vezes conflituosa relação do homem com a esfera divina. E isso dentro do estilo peculiar e inconfundível da obra de Lispector, tida por Alfredo Bosi (1994) como autora de uma prosa realmente nova, cujo fluxo psíquico é trabalhado em termos de pesquisa no universo da linguagem (p. 388). Além disso, a ruptura com o enredo factual, apontada como uma das principais características da obra clariciana, é perfeitamente exemplificada no conto *Perdoando Deus*, em que um único evento é narrado: o encontro da protagonista com um mamífero roedor. A quase ausência de eventos não implica, no entanto, marasmo e/ou falta de densidade. Como diz Bosi:

O antropólogo Lévy-Bruhl propôs, nos seus últimos *Carnets*, a diferença entre a mente primitiva e a civilizada exatamente em termos de participação para a primeira e distância para a segunda. Nesta, o outro é sempre objeto de desejo ou de medo, de conhecimento ou de mistério. Naquela, ao contrário, há sempre uma integração dos pólos. Ora, numa romancista ocidental e culta (o que não quer dizer “sofisticada”), a integração nunca poderia ser um dado, mas um projeto, uma árdua conquista. (BOSI, 1994, p.425)

Bosi estabelece quatro categorias de classificação do romance brasileiro a partir da década de 1930 segundo o grau crescente de tensão entre o “herói” e seu mundo; são elas: *romances de tensão mínima*, *romances de tensão crítica*, *romances de tensão interiorizada* e *romances de tensão transfigurada*. Clarice Lispector, junto com Guimarães Rosa, é classificada como pertencente à última categoria. Nesta, esclarece Bosi (1994), “o herói procura ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade.

O conflito, assim „resolvido“, força os limites do gênero romance e toca a poesia e a tragédia.” (p.392) Embora o texto literário em análise seja um conto e não um romance, percebe-se que as marcas literárias da autora dentro desse gênero são as mesmas. O conto, escrito em primeira pessoa, traz justamente o fluxo psíquico da personagem, e graças a esse acesso a mente desta é que perceberemos ao final a tal transmutação metafísica referenciada por Bosi.

No ramo da Alquimia, transmutação é a conversão de um elemento químico em outro elemento químico. O objetivo maior dos alquimistas é justamente a transmutação de metais inferiores em ouro. Já a metafísica estuda o ser enquanto ser, a essência das coisas. Dentro do universo literário, podemos entender que Bosi emprega esse conceito como sinônimo da transformação que se dá no ser e que o permite entender melhor sua condição/dimensão humana e divina. É essa a experiência pela qual passa a protagonista do conto *Perdoando Deus*.

Ao andar pela Avenida Copacabana, a personagem vivencia um momento de epifania, e logo em seguida estabelece um diálogo silencioso, e também extremamente profundo, com Deus. A estória, por ser narrada em primeira pessoa, como já dito, e por esta entregar-se ao fluxo de consciência, permite ao leitor um “acesso direto” aos pensamentos daquela mulher. No momento epifânico, em que sua alma é invadida por uma sensação de compreensão e pelo sentimento do afeto divino, é interrompida pela passagem de um bicho que a aterrorizava: um rato. À luz desse acontecimento, ela inicia um diálogo bastante direto com Deus e a partir desse momento em especial é que grandes revelações fazem-se presentes, tanto em relação a uma atitude que pode ser definida como presunçosa num primeiro momento quanto a respeito das impressões que a personagem tem a respeito da fé. A conclusão que ela tira do fato pode parecer um tanto simples porque breve. No entanto, revela – em especial a frase final – um conceito densamente trabalhado por Montaigne quando de sua análise a respeito das

possibilidades que existem para se chegar a Deus. A personagem revelará que a sua percepção a respeito dessa chegada é aquela que Montaigne prega como a única verdadeiramente válida, qual seja: a religião chega a nós por fatores humanos, e não científicos.

A análise desses conceitos é retirada do capítulo intitulado *Apologia de Raymond Sebond*, no qual Montaigne se propõe a fazer duas objeções acerca das críticas feitas ao livro “Teologia Natural ou Livro das Criaturas”, cujo autor é o que dá nome ao capítulo. Montaigne, a pedido do pai, traduziu o referido livro para o francês e destacou a que a obra de Sebond se dedica a “*estabelecer e provar, contra os ateus, todos os artigos de fé da religião cristã, baseando-se unicamente em razões humanas e naturais.*” (MONTAIGNE, 1972, p. 209). O autor procura então provar que os argumentos daqueles que criticam o livro de Sebond partem de falsas premissas. Para isso, Montaigne defende que a “ciência divina” penetra em nós não por força do raciocínio, mas sim por extraordinária graça. Em outras palavras, a religião chega a nós por fatores que não são científicos. Essa é, resumidamente, a primeira objeção apresentada. Sobre isso, diz Birchall (2007):

De forma simples e lapidar, situando-se numa perspectiva para a qual Deus é transcendência absoluta, Montaigne encerra a razão humana na finitude, e afirma sua incapacidade de compreender as verdades sobrenaturais. O sobrenatural e o natural não só se distinguem como o superior do inferior, mas a rigor não estabelecem nenhum tipo de contato, a não ser por pura iniciativa divina, por “milagre”, como gosta de dizer Montaigne. (BIRCHALL, 2007, p.40)

A segunda objeção é relativa à necessidade de se golpear a excessiva paixão que o homem tem pela razão. A importância demasiada dada à racionalidade, segundo Montaigne, é a causa de muitos males, e ela se dá devido à presunção (p.213). O homem não percebe que é a própria razão humana que não concebe certos pensamentos. Sobre essa arrogância, assevera Montaigne:

A presunção é doença natural e inata em nós. De todas as criaturas, a mais frágil e miserável é o homem, mas ao mesmo tempo, como diz Plínio, a mais orgulhosa. Ele se sente e se vê colocado na lama e no esterco do mundo, amarrado, pregado à pior parte do universo, à mais morta, à mais afastada dos céus, junto com os animais da mais baixa categoria das três existentes, e ei-lo que pela imaginação se alça acima

O conto de Clarice Lispector é bastante elucidativo desse drama. No conto *Perdoando Deus*, a protagonista passa pelas duas objeções de Montaigne, mas em ordem contrária à do original. Montaigne já dizia que nossa falta de entendimento acerca do divino era causada por nossa incapacidade de decifrar essa dimensão. Estamos presos à nossa condição humana. No início do conto, antes do fatídico encontro com o rato, deparamo-nos com uma intensa descrição do estado de alma da personagem. Passeava ela pela Avenida Copacabana quando foi invadida por uma agradável sensação de liberdade, a qual se intensificava na medida em que ela se entregava a essa “*percepção sem esforço*” (p.41). Sente que seu estado, ao contrário do que pareceu num primeiro momento, não era marcado pela distração, mas sim pela percepção: “*pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas*” (p.41). Ainda no fim do primeiro parágrafo, revela um importante pensamento sobre essa sensação: “*não era „tour de propriétaire“, nada daquilo era meu, nem eu queria*” (p. 41). O momento acima descrito aproxima-se do sentimento que Montaigne prega ser o ideal para nos aproximarmos de Deus. A protagonista primeiramente percebe que tudo aquilo que seus olhos encontravam na Avenida Copacabana não era seu, e mais que isso: sente sua alma desvencilhar-se da necessidade de possuir quaisquer daquelas coisas. Esse momento inicial é um daqueles raros em que o ser humano parece superar suas necessidades mundanas. E é justamente essa percepção mais aguçada que origina na personagem o tal “*sentimento de que nunca ouvi falar*”, o sentimento maternal por Deus; este não é mais alvo de um amor solene, marcado pelo medo e reverência, mas de um amor maternal, próximo. E tudo isso se dá “*sem o menor senso de igualdade ou superioridade.*” (p.42) A impressão que tem o leitor é a de que a personagem conseguiu alcançar um momento iluminado, capaz de transcender sua condição humana e capaz de se livrar dos desejos tão humanos tais como o de possuir, reverenciar, etc. No entanto, esse estado de alma será efêmero. “*Em menos de um segundo*” (p. 42) esse momento de epifania será bruscamente dissipado. É o momento em que a personagem pisa num

enorme rato morto, animal esse que lhe causa grande terror. Ela até tenta cortar a conexão entre esse terrível encontro e seu momento epifânico, mas como deixa claro, não consegue. E deixa transparecer então a sua fragilidade, quando diz; “*toda trêmula, consegui continuar a viver.*” (p. 42). No momento, então, que a personagem do conto se vê “*na lama e no esterco do mundo*” (MONTAIGNE, 1972, p.214), junto com o animal que mais lhe causa repulsa, sua reação é a revolta, pois seu orgulho a coloca numa posição muito mais próxima a Deus do que ao rato. É então tomada pela raiva – “*a grosseria de Deus feria-me e insultava-me*” (p. 43) e pelo desejo de vingança, esse logo dissolvido pela amarga lembrança de que nada podia contra um Deus Todo-Poderoso. Ocorre-lhe então a ideia de lançar mão da vingança dos fracos: espalhará o segredo do que lhe aconteceu. “*Vou estragar sua reputação*” (p. 43), assevera. Este é o momento de presunção. Montaigne já alertava para o fato de que o homem dá à religião aquilo que se coaduna com seus desejos (p. 211). Logo após tomar a decisão de estragar a reputação divina, vem o parágrafo que estranhamente começa por reticências seguidas da conjunção “mas”. Aí já antecipamos um momento de reviravolta na linha de pensamento da personagem. E a epifania inicial, que parecia inteiramente extinguida, mostra que deixou marcas, pois após esse súbito rompante, virá uma série de reflexões que parecem culminar no entendimento de Montaigne relativo à forma com que se chega à crença em Deus: por fatores humanos, e não por uma série de raciocínios lógico-científicos.

A protagonista do conto *Perdoando Deus* é certamente um exemplo perfeito dessa ideia. Suas indagações são resultado não de uma análise fria e racional; na verdade, derivam de uma experiência efetivamente vivida, que causou grande impacto em sua alma. Conclui a personagem que o amor que ela dedicava a Deus era não de proximidade, mas de oposição: “*Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus*”. (p. 45) A personagem não se aceitava de fato, e seu momento de iluminação, de entendimento, dar-se-á a partir do momento em que é capaz de superar essa não aceitação, de se perceber humana simplesmente: “*Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho da minha natureza?*” (p. 44). Sobre esse episódio, diz Luciano Rodrigues de Lima (2005):

Nesse raciocínio vai delineando o provável equívoco em sua maneira de amar. E

não pode fugir de uma questão vital: Como amar a essência real do mundo se não ama sua própria realidade do ser? Se não a percebe com clareza? Ao ver-se negando uma parte de si mesma compreende a fragilidade das premissas em que baseia seu contato com a vida. (LIMA, 2005, p. 425)

É, portanto, por desenvolver uma visão mais humana em relação a si própria que a personagem será capaz de perceber Deus de forma mais plena e menos estereotipada. Essa ideia vai ao encontro do que diz Maria José Ribeiro em seu artigo *Deus, alteridade máxima na obra de Clarice Lispector*. A estudiosa analisa a presença de Deus em duas obras de Lispector: *A Hora de Estrela* e *Um sopro de vida* e a conclusão que tira a respeito da divindade na obra clariceana também é válida para o conto em análise:

É esse Deus vindo do escuro e do silêncio do ser que permeia a obra de Clarice Lispector. “A autora destaca sempre a condição do ser que faz brotar - ou não - a crença, a partir de suas experiências, de seus questionamentos, de suas angústias.” (RIBEIRO, 2011, p. 5)

Lima traz outra importante reflexão a respeito de outras obras que ele analisa em seu estudo, mas que claramente também se aplica ao conto em análise:

Basta ler as obras que precederam *A Paixão Segundo GH* para acompanhar a lenta redução operada: dos fragmentos em que se estilhaçava a intuição da escritora à unidade da consciência que se esforça por transmitir os momentos da sua iluminação. Termo que parecerá místico, mas que é justo empregar aqui, pois tem o selo da iluminação religiosa aquele reconhecimento súbito de uma verdade que despoja o eu das ilusões cotidianas e o entrega a um novo sentido da realidade. (LIMA, 2005, p. 425)

O livro *Felicidade Clandestina*, no qual está o conto *Perdoando Deus*, é de 1971, portanto posterior à obra *A Paixão Segundo GH* (1964). Assim, o momento de iluminação descrito no conto já revela essa maturação em relação à tal “unidade de consciência”. É certo que ao fim do conto a protagonista, mesmo que seja aceitável dizer que não conquista uma plenitude em relação ao seu entendimento acerca do divino – o que, segundo Montaigne, nem seria possível,

como já mencionado - ao menos é capaz sim de se desvencilhar de suas ilusões cotidianas e perceber um novo sentido na realidade. A ironia é que essa descoberta dá-se graças ao aparecimento de um roedor, o que, dentro do espírito filosófico de Montaigne, é bastante pertinente, visto que ele pregava justamente uma aproximação do homem em relação à natureza para que este encontrasse os sinais da Criação. Telma de Souza Birchal (2007) traz uma importante conclusão acerca dessa relação. Diz a estudiosa:

Ao considerar a situação do homem em relação aos outros seres que o cercam, o que Montaigne vê, de saída, é um ser não apenas enganado, mas presunçoso ao se acreditar superior aos outros, ao se afirmar senhor do mundo, ao crer que a consciência e o julgamento são seus apanágios exclusivos. (BIRCHAL, 2007, p.46)

Não há, portanto, na visão de Montaigne, uma “escada dos seres”, como esclarece Birchal, pois como não é possível a nós acessar o íntimo dos outros seres vivos, concluir que o homem é superior aos outros animais não é possível; trata-se simplesmente de um erro ditado pela nossa presunção:

Pela vaidade mesma dessa imaginação, iguala-se a Deus, atribuindo-se a si próprias qualidades divinas que ele mesmo escolhe. Separa-se das outras criaturas; distribuem as faculdades físicas e intelectuais que bem entende aos animais, seus companheiros. Como pode conhecer com sua inteligência os móveis interiores e secretos deles? (MONTAIGNE, 1972, p. 214).

A personagem acaba, assim, por aceitar sua pequenez, e adere à sua crença sem necessidades científicas; além disso, passa a ver o rato sem pressupor que o conhece tão profundamente e ainda que eles sejam tão diferentes entre si:

É porque ainda não sei ceder. É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria – e não o que é. (...) É porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão (...). Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. (LISPECTOR, 1998, p. 44).

No trecho acima, fica clara que uma das condições para que a personagem acesse o divino traduz-se na alteridade. E ela se dá justamente graças não à percepção de proximidade a outro ser humano, mas sim a um animal, e não qualquer um, mas sim aquele que lhe causava mais ojeriza. Ela livra-se então dessa superioridade em relação ao rato, o que, segundo Montaigne, é condição necessária para que o ser humano se livre da presunção:

É preciso limitar o homem e colocá-lo entre as barreiras dessa ordem universal. (...) Mas somos tão presunçosos que preferimos dever o que somos capazes de fazer a nossas forças a dever à liberalidade divina nosso valor e nossas possibilidades. E enriquecemos os animais com bens naturais a que renunciamos, achando mais honrosos e nobres os que nos cumpre adquirir; e isso, a meu ver, por simplicidade de espírito, pois apreciaria muito mais prendas inatas e pessoais do que as que precisasse mendigar e exigissem aprendizado. Não está ao nosso alcance obter melhor recomendação que a de ser favorecido por Deus e pela natureza. (*grifo nosso*) (MONTAIGNE, 1972, p.218)

Sobre isso, conclui Birchal (2007) que *“o que se celebra no homem seria mais apropriado de lamentar. Não será antes uma marca de superioridade deixar-se guiar pela natureza que necessitar forçosamente, como os homens, de uma aprendizagem?”* (p. 50)

Aqui podemos reforçar a ideia de que no início do conto a personagem tem sim uma aproximação ao divino, pois se entrega justamente a essa “liberalidade divina” sobre a qual fala Montaigne, sem fazer forças, e sem se incomodar com o fato de que não precisou esforçar-se para ser tomada pela sensação da proximidade com o divino. Entretanto, nesse momento epifânico inicial ela ainda não está dentro das “barreiras dessa ordem universal” – e descobriremos isso graças ao aparecimento do temido roedor.

Retomemos aqui um pensamento de Montaigne relativo à primeira objeção apresentada em sua “Apologia de Raymond Sebon”. Segundo Birchal (2007):

[...] analisando o caminho do homem a Deus e aquele de Deus ao homem, postulando um ideal absoluto e refletindo sobre a realidade vivida, Montaigne encerra o homem e sua razão na finitude. Em outras palavras, diríamos que há uma postura religiosa de fundo (pois se afirma a transcendência absoluta de Deus), a

qual se desenvolve como crítica às pretensões religiosas e sobretudo como crítica às pretensões da teologia, acabando por instaurar um espaço puramente filosófico e por abrir caminho para o exercício do pensamento numa esfera radicalmente humana. (BIRCHAL, 2007, p.42)

A pergunta que se faz é: não seria a protagonista do conto *Perdoando Deus* um exemplo de ser humano que, em alguma medida, entende essa esfera radicalmente humana e, ao mesmo tempo, transcende-a em alguma medida? Claro que essa resposta já vem sendo defendida: sim. Montaigne já admitia a força da experiência como uma espécie de professor. E o que garante a “resolução” do conflito da personagem do conto senão a experiência apreendida que desemboca num aprendizado? Diz Birchal (2007):

A pergunta que se faz é: não seria a protagonista do conto *Perdoando Deus* um exemplo de ser humano que, em alguma medida, entende essa esfera radicalmente humana e, ao mesmo tempo, transcende-a em alguma medida? Claro que essa resposta já vem sendo defendida: sim. Montaigne já admitia a força da experiência como uma espécie de professor. E o que garante a “resolução” do conflito da personagem do conto senão a experiência apreendida que desemboca num aprendizado? Diz Birchal (2007): Quebra-se o espelho da natureza: sendo o homem incapaz de perceber a ordem das coisas, como poderá ver-se nela? A natureza, confusa, não devolve ao homem que a contempla uma imagem inequívoca, que lhe sirva como modelo. E o que é pior: o homem, ainda, reduz tudo a si, projetando infinitamente nas coisas seu desejo de superioridade. Se a natureza não é um espelho no sentido positivo, se ela não mais oferece uma resposta para a questão da essência do homem, o mundo, ainda assim, é um espelho no qual é possível ver-se e um livro no qual se aprende. (BIRCHAL, 2007, p.51)

Alfredo Bosi, ao tratar sobre as revelações pós-momento epifânico nas obras de Lispector, traz uma consideração que claramente se aplica ao conto *Perdoando Deus*.

Há na gênese de seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio. *Que se fará pela recuperação do objeto*. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. O sujeito só “se salva” aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. (BOSI, p.424)

No conto, essa “recuperação do objeto” se dá através do restabelecimento do equilíbrio inicial, mas que agora se concretiza sem a mesma serenidade inicial dada a própria natureza da descoberta: não é possível depreender essa realidade por completo.

A frase final é também bastante exemplificativa: “*Enquanto eu inventar Deus, ele não existe.*” (p. 45). Aqui entra novamente a racionalidade de que fala Montaigne. Se entendermos que Clarice empregou o termo “inventar” como sinônimo de racionalizar, o que é bastante razoável percebe-se que a protagonista entra em acordo com a teoria do filósofo francês. Segundo ele, o homem faz parte de um todo, de uma ordem cósmica. E este peca quando quer conhecer esse todo, porque ele é parte, e, portanto não pode ser maior que esse todo.

Essa proposição de Montaigne pode ser percebida numa das conclusões tiradas pela protagonista do conto, qual seja: “*É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele.*” (p. 41) Nesse momento a personagem admite desconhecer esse mundo como um todo. E porque não o entende em sua plenitude, enxerga um mundo que não é o real. Vale comentar ainda, dentro da perspectiva acima exposta, a respeito do título do conto, *Perdoando Deus*. Ele sugere, devido ao emprego do verbo no gerúndio, que o processo de contato mais profundo com o divino é gradual, e não imediato. Claro que a ideia de se “perdoar” Deus – e não o contrário - pode ser considerado um tanto provocativa, porém dentro dos acontecimentos do conto, fica claro que é isso que ocorre quando a personagem vê – e aceita - a si como é de fato: humana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma com que temas como a loucura, a solidão, a fé, entre outros, são tratados por uma sociedade em um determinado período é altamente reveladora do espírito do homem que nela vive.

Com este trabalho, esperamos primeiramente ter provado que o conto *Perdoando Deus* traz uma densidade merecedora de uma análise mais aprofundada no que concerne à forma com que se caracteriza a relação humana para com a esfera divina. Contamos ainda ter explicitado as razões pelas quais é possível aproximar conceitos do filósofo Michel Montaigne às ações e pensamentos da personagem do conto. Esta é capaz não só de traduzir o entendimento real da esfera divina de acordo com o que prega Montaigne como ainda revelar suas limitações para um entendimento mais pleno dessa esfera, dada a sua própria natureza humana, como previa o filósofo francês. Dessa feita, Clarice Lispector faz viver uma personagem que vai ao encontro do que defende Montaigne em relação à presunção e à forma com que adquirimos a fé verdadeiramente.

Examinar uma obra literária brasileira do início da década 1970 e perceber nela a tradução do que Montaigne dizia quatro séculos antes é mais uma prova de que a Filosofia e a Literatura mantêm e manterão diálogos atemporais e profundos na busca pela reflexão e pelo entendimento dos mistérios que cercam nossa existência.

Por fim, desejamos que essa pesquisa tenha contribuído, mesmo que humildemente, para uma análise da questão da fé e da presunção frente a uma

produção literária brasileira de nosso tempo, tão referenciado como um tempo de indivíduos egocêntricos, vazio de fé e religiosidade.

REFERÊNCIAS

BIRCHAL, Telma de Souza. A quebra dos espelhos ou a crítica dos fundamentos ontológicos do *eu* – uma leitura da “Apologia de Raymond Sebon”. In: **O eu nos ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1994.

GOMES, Cristina Torres. **Movência nas fronteiras: ensaísmo nas crônicas de Clarice Lispector**. Disponível em: <biblioteca.universia.net/...clarice-lispector/.../35332722.html>. Acesso em 10 ago 2011.

LIMA, Luciano Rodrigues. **Misticismo e Ateísmo em Amor, de Clarice Lispector e Kew Gardens, de Virginia Woolf**. Quinto Império (Salvador), Salvador, v. 20, n. 1, p. 123-138, 2005. Disponível em: <misticismo_e_ateismo_em_amor_de_clarice_lispector_e_kew_gardens_de_virginia_woolf.doc>. Acesso em 12 fev 2012.

LISPECTOR, Clarice. Perdoando Deus. In: **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTAIGNE, Michel. **Ensaaios - II**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972, 1ª edição. p. 208 a 237.

RIBEIRO, Maria José. Deus, alteridade máxima na obra de Clarice Lispector. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST4/003%20%20Maria%20Jose%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em 14 jan 2012.